# DE STONEHENGE AOS DISCOS VOADORES; EM BUSCA DOS SÍMBOLOS SAGRADOS DA ARQUITETURA

*Renato César José de Souza*[*]

*"Nulo modo sine geometria esse potest orator"*
(Quintil. Instit. Orat. LIV.I, c,10)

Em nossa cultura judaico-cristã estamos perdendo contato rapidamente com a vida simbólica. Não olhamos mais para o céu em busca dos mistérios do alto. Tampouco olhamos para a Terra para encontrar refletida em cada elemento da criação a face eterna do criador. Distanciamo-nos do cosmo para vivermos num caos que construímos e que, por não entendermos seu sentido, nos parece desconexo, desnecessário, triste e angustioso.

Rompendo nossa relação com a natureza, o mundo tem se tornado estéril, escuro, frio e desolado. Palavras como solstícios e equinócios fogem-nos ao sentido. É difícil imaginarmos a Terra solta num Universo infinito. Mais fácil vermos o Planeta como fim nele mesmo, e a existência como uma luta ineficaz e necessária, autosuficiente para nos conduzir a nada. Perdemos enfim, a noção do simbólico e do sagrado. É como se, literalmente, nos afastássemos do sol, que não tornaria mais a nascer.

Segundo JUNG (1970), *"só a vida simbólica expressa a necessidade da alma – a necessidade diária da alma, bem entendido!"* Quando no domingo de Páscoa os cristãos se reúnem na igreja ou no alto de uma montanha para saudar o Sol e celebrar-lhe o nascimento como símbolo da ressurreição do Cristo, estão na verdade repetindo e experimentando as sen-

[*] Professor do Curso de Arquitetura e Urbanismo da PUC•MG e Professor e Coordenador do Curso de Arquitetura das Faculdades Metodistas Integradas Isabela Hendrix.

sações que unem os nossos antepassados a nós, sendo o Sol o símbolo que renova nossa fé num cosmo ordenado.

Mesmo para os mais céticos e mais afastados de qualquer crença religiosa, experimentar o momento do nascer do sol é viver um momento de assombro e promessa. Cada manhã o Sol traz consigo um novo dia com novo calor, nova luz e novas oportunidades.

Mas hoje estamos afastados do Sol. Enclausurados em cidades onde os edifícios o ocultam, dificilmente dedicamos a ele as atenções e o caráter sagrado da fonte de toda vida que os antigos lhe devotam. Tomamos para nosso raciocínio o Sol, por ser algo que através de seu brilho manifesta as coisas, não só por torná-las perceptíveis, mas por representar a extensão do ponto principal, por medir o espaço e por conseguinte determinar para nós o tempo. E se nos afastamos, como já dissemos, da vida simbólica, por conseqüência nos afastamos da nossa percepção, do brilho do sol, e do nosso tempo. Em que direção seguiremos? Seja essa talvez a derradeira pergunta, aquela que sem resposta deixaremos sempre ecoando em nossos ouvidos.

Abrindo uma via de acesso até a arquitetura, vejamos até que ponto o conceito de símbolo e de simbólico tem sido ainda levado em conta no pensamento idealista que ora nos orienta.

Não precisamos ir longe para ver que são vários os elos perdidos, várias as raízes ignoradas. E muitos os vazios não preenchidos, onde se busca hoje, com o orgulho da criação efêmera, dar respostas ainda mais efêmeras há dúvidas por demais insistentes e que não se contentam com a simples construção desprovida de sentido. Claro deve ficar, que uma parcela dos atuais arquitetos se levanta e busca se posicionar, se informando principalmente através da história do homem tomada em seu sentido mais completo, antes de agir no presente. O resultado tem sido pontual. Um resgate simbólico aqui, uma obra que se pretende filiada a traduções acolá, mas ainda muito discurso vazio, onde falta o sentido como elo definidor que ligará o presente ao futuro-passado-futuro.

Assusta-me ver na juventude de um estudante de Arquitetura, a falta de orientação e pertinência a um todo maior, cósmico, e a um todo humano individuado do qual não sabe ou não percebe fazer parte. Mas esse é um comportamento esperado na correria do dia-a-dia, o homem contenta-se com as aparências. Ele é só aparência. E mesmo que visse além das aparências, veria talvez apenas novas aparências.

Encanta-me, por outro lado, a disposição dos mesmos jovens e dos homens em geral em querer cada vez mais perguntar. Em busca de respostas que o tornem de novo caminhante num eixo cósmico do qual por natureza não pode se afastar sem que isto lhe acarrete sucessivas quedas e angustiosas inquietações. As pressões da sociedade se tornam pesadas demais para o homem e ele tenta soltar-se à nudez, seja do corpo seja do espírito.

Mas a verdade nua pode ser desconcertante, pelo menos por constituir um juízo sobre os *pré-conceitos humanos* e a perigosa cegueira do hábito? É no mínimo estranho que uma profissão tão antiga quanto a do Arquiteto ignore o sentido das suas próprias realizações. Talvez resida aí uma desesperada busca de soluções para a vida, unicamente em decorrência de uma revolução tecnológica e científica. Desesperada, pois hoje sabemos que a proclamada ciência com seus seguidores revolucionários e seus iconoclastas cavaleiros não conseguiu resolver os problemas do homem.

Talvez os tenha aclarado com uma luz inquietante, elucidando numa rapidez voraz as contradições que a alma humana não consegue sozinha responder nem vivenciar.

WALTER GROPIUS proclamou que a arquitetura moderna não era um ramo de velha árvore mas antes *"um broto novo, nascido diretamente das raízes"*, numa clara tentativa de tentar fugir do curso da história. Eis aí repetido o risco da queda simbolizado no eterno mito da Torre de Babel, onde os homens caíram de uma posição de altiva segurança para outra de exposição e confusão. Não reconhecendo autoridade alguma acima da sua própria criação, Gropius e seus seguidores ficaram como que prisioneiros em sua própria torre. A exemplo de muitos que os antecederam e outros que ainda irão aparecer, perderam o contato com a terra e com seus semelhantes, e inevitavelmente com seu próprio aspecto terreno.

O sistema em que se inserem a arquitetura, seu ensino e formação, juntamente com todos os outros aspectos inerentes da sociedade de onde ela não se exclui, tornou-se rígido e, sem poderem se mover, os homens prisioneiros cobriram sua verdadeira identidade com a máscara da atual civilização.

Retrocedamos no tempo. Muitos séculos, milênios. O próprio contar do tempo é outro. Não há pressa. Os *"demônios"* da pessoa e da realidade não comandam.

Homem olha ao seu redor, acima e abaixo. Vê que ao frio sucede o calor. À noite sobrevive o dia. À semente seguem o broto e a planta nova. Toda a natureza se renova. Para ele há uma ordem estabelecida maior que si mesmo e da qual intrinsecamente faz parte. Fiel à sua promessa, o Sol regressa cada manhã da sua jornada do mar noturno. Erguendo-se no céu, estende os seus braços como raios de uma roda, tornando-se uma gigantesca mandala, símbolo da ordem radial existente entre ele e toda a natureza.

Observando a grande roda do Sol a mover-se solene pelos céus, pode o homem transcender brevemente o tempo linear do seu cotidiano para tocar num mundo superior onde a divindade é deslumbrada. Iluminado, percebe o princípio de uma ordem não linear mais radial, como os raios de uma roda. Pressente uma significativa coincidência de uma causa geradora de efeitos que mantém tudo junto e regulado.

Para experimentar o pleno esplendor desta iluminação, o homem precisa construir ou encontrar um jardim murado, o sagrado Têmeno dos gregos, dentro do qual sua alma compartilha plenamente a luz . Aí vivencia toda a rica expressão da sua criação. Sente-se uno com o todo e o todo é uno com ele. Esse espaço construído ou "achado" estabelecerá uma tipologia e uma iconografia indissociáveis e que representarão para sempre o palco dos mistérios da criação, da vida, da morte e do renascimento da natureza. Se o simbolismo precedeu o nascimento do tipo ou foi uma execução posterior não tem uma importância relevante, como quer ARGAN (1955). Se observarmos uma construção como círculo de megalitos de STONEHENGE na Inglaterra, por mais estapafúrdios que pareçam os incontáveis significados que místicos e cientistas tenham querido lhe conferir, é inegável que a forma circular em que se dispôs todo o conjunto de pedras verticais e fossos visa a uma representação da ordem cósmica circular presente no caminhar cíclico das manifestações da natureza. Simples de ser executado, bastando que para isso se defina um *centro*, o círculo era uma forma encontrada na natureza, vista nos céus como os discos do Sol e da lua. Nos tempos antigos, as construções, fossem elas temporárias ou permanentes, eram circulares em sua grande maioria. Dos círculos de cabanas neolíticas da Grã-Bretanha aos círculos de pedra megalíticos como o de Stonehenge, o homem procurou com a forma circular imitar a redondeza do horizonte visível, fazendo de cada construção e em particular daquela de caráter sagrado, na verdade, um pequeno mundo em si mesmo. Carregado de simbolismo, o círculo acompanharia toda a jornada do homem, até que seu significado se esmaecesse envolto nas brumas do tempo.

Para se traçar um círculo perfeito, em primeiro lugar se coloca a perna do compasso no lugar que há de ser o centro do círculo. Não cabe discutir quem vem primeiro: o centro ou o círculo. O certo é que um círculo com um ponto no centro é sinal universal para indicar o Sol, fonte de todo calor, de toda a luz, de toda a força. Esse hieróglifo representa o ovo do Mundo, mito presente em inúmeras culturas, de cujo centro fértil proveio toda a criação.

Façamos um círculo no ar. O movimento natural e livre é contínuo. Uma vez começado, torna-se difícil parar.

O homem em cada segundo de sua existência liga-se ao círculo do padrão de sua respiração ao fluir da corrente sanguínea. Sua vida é circular, da inocência da infância à velhice sábia. O círculo, diferentemente do quadrado, é uma forma que inexiste na natureza, indivisível e indestrutível e portanto imortal. Duas metades de um círculo nos remetem sempre a um círculo, o que não ocorre com o quadrado que se torna dois retângulos.

Assim o homem criou sua tipologia cósmica a partir da iconografia que o mundo lhe oferecia com sabedoria. Dessa forma suas obras sempre foram ricas de conteúdo simbólico. Seja na arte ou na arquitetura, buscou conscientemente um elo de ligação com um todo maior, criando uma *tradição* formal que se tornou fator essencial na repetição dos tipos. Trata-se aqui não da criação de "modelos" como afirma ARGAN, mas da criação de tipos, não para serem copiados, mas interpretados de maneira a gerar semelhanças em formas aparentemente dessemelhantes.

Não se trata de um aspecto prático e simplificador da criação, ordenando-lhes funções como pretenderam o século XIX e o movimento moderno da Arquitetura. Trata-se, antes, de buscar a resposta a

> *"exigências profundas que se mantêm como fundamentais e constantes pelo menos dentro dos limites de uma determinada civilização, de forma que é necessário aproveitar a experiência maturada no passado tendo em vista a validá-los no presente para que continuem a ter futuro."*

Portanto, conforme dissemos, GROPIUS e seus seguidores acabariam por eles mesmos no eterno movimento circular, a retomar seus pontos iniciais de partida para reavaliações e reconsiderações, recheados de velhas novas intenções que se convencionam rotular de pós-modernas...

Voltando ao círculo e seus intrínsecos significados, muitos séculos e culturas criaram e nos legaram templos e igrejas em forma circular. Stonehenge, o Templo dos Delfos, Hagia Sophia, o Panteão, os batistérios cristãos, as Stufas indianas, os minaretes muçulmanos, os túmulos etruscos e romanos, a abside dos basílicos, as igrejas renascentistas e barrocas (ainda que elípticas!) e até as modernas catedrais como a de Brasília são exemplos proeminentes dessa arquitetura que, com base no círculo, representara os mistérios universais centrados na magnífica fonte da nossa vida, o Sol.

> *"As palavras "Churcl" (igreja) e "Kirk" (igreja nacional da Escócia) estão relacionadas com o círculo e a palavra grega Kirkos (falcão, o princípio celeste) foi o nome dado ao sacerdócio"*. (NICHOLS et al., 1980)

O círculo contém a imagem do homen como o famoso desenho de Da Vinci. Com base no círculo e com auxílio de régua e compasso, todas as figuras importantes da geometria são produzidas simples e elegantemente. Quão afastados da Sagrada Geometria estão os arquitetos de hoje!

Lembrando-nos de PASCAL, diríamos que *"entre espíritos iguais e postos nas mesmas condições, o que conhece geometria é superior aos outros e possui especial vigor"*.

Mas a harmonia inerente à geometria, reconhecida como a expressão mais convincente de um plano divino, deixou de ser conhecida pelos arquitetos, assim como todo o simbolismo inerente aos tipos criados pelo homem, deixou de ter sentido embora subsista como uma imanente reação do inconsciente coletivo do homem à tecnologia dogmática que o opõe a um materialismo aparentemente irreversível.

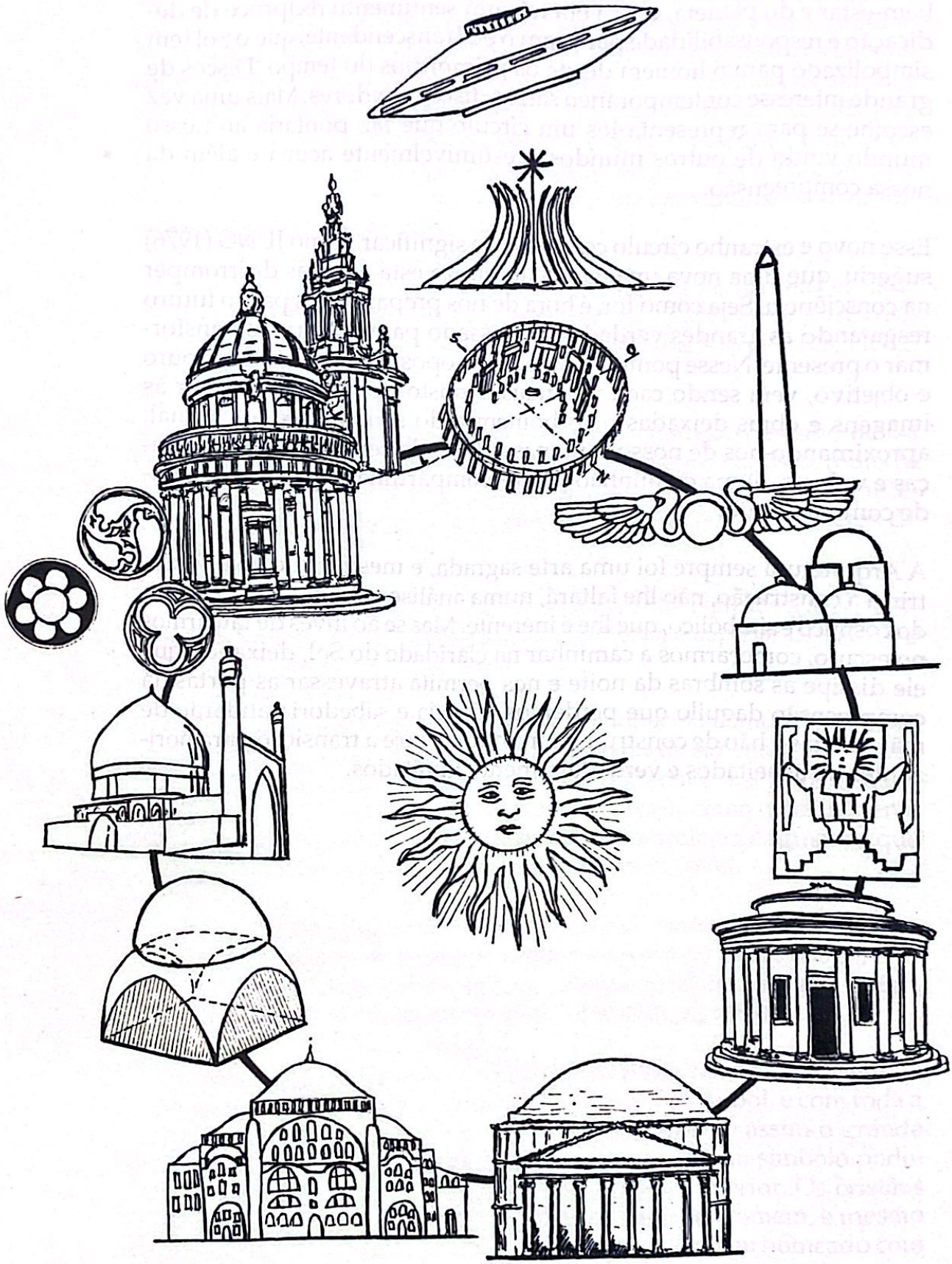
> *"É tão válido construir hoje um edifício moderno de acordo com os princípios da geometria sagrada quanto o era no passado em estilos e épocas como o egípcio, clássico, românico, islâmico, gótico, renascentista ou art nouveau"* (PENNICK, 1989).

Com tudo o que o materialismo científico tenha feito para apagar os vestígios da nossa conexão espontânea com a roda do Sol, e com toda a névoa que embaça a visão do nosso passado, mesmo assim o grande Sol redondo que viaja no alto do céu continua a ser um símbolo poderoso através do qual nos religamos ao nosso sol interior. Os cristãos identificaram-no com o Cristo vencedor, o Filho do Homem, e mesmo que em outras épocas, outros povos e religiões o tenham nomeado com

outros apelidos e qualidades, a fiel preocupação do Sol com o nosso bem-estar e do planeta, evoca em nós um sentimento recíproco de dedicação e responsabilidade para com o eu transcendente, que o Sol tem simbolizado para o homem desde os primórdios do tempo. Discos de grande interesse contemporâneo são os discos voadores. Mais uma vez escolhe-se para representá-los um círculo que faz pontaria ao nosso mundo vindo de outros mundos presumivelmente acima e além da nossa compreensão.

Esse novo e estranho círculo celeste pode significar, como JUNG (1976) sugeriu, que uma nova imagem de inteireza está em vias de irromper na consciência. Seja como for, é hora de nos prepararmos para o futuro resgatando as grandes verdades do passado para podermos transformar o presente. Nesse ponto o simbolismo, oposto ao racionalismo puro e objetivo, vem sendo cada vez mais exposto de modo a restituir às imagens e obras deixadas pelo homem todo seu alcance intelectual, aproximando-nos de nossos antepassados e de seus sistemas de crenças e valores, numa comunhão jamais compartilhada pela humanidade como um todo.

A Arquitetura sempre foi uma arte sagrada, e mesmo que hoje se restrinja à construção, não lhe faltará, numa análise mais acurada, o sentido cósmico e simbólico, que lhe é inerente. Mas se ao invés de tatearmos no escuro, começarmos a caminhar na claridade do Sol, deixando que ele dissipe as sombras da noite e nos permita atravessar as portas da compreensão daquilo que perdemos, ciência e sabedoria andarão de mãos dadas e hão de construir no mundo de hoje a transição para horizontes insuspeitados e verdadeiramente ilimitados.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARGAN, G. C. De tipologia, simbologia, alegorismo. *Bolletino del centro Internazionale A. Palladio*, Milão, p. 75-79, 1955.

JUNG, C. G. *The Collected Works of. C. G. Jung*. Princeton: Princeton Univ. Press, 1970. v.10. : Civilization in transition.

_____. Princeton: Princeton Univ. Press, 1976. v.18. :The symbolic life: miscellaneous writtings.

NICHOLS, Sallie. *Jung e o Taro:* uma jornada arquetípica. São Paulo: Cultrix, 1980. p.55.

PENNICK, Nigel. *Geometria sagrada:* simbolismo e intenção nas estruturas religiosas. São Paulo: Pensamentos, 1989. p.8.

## Outras publicações de Edições PUC•MG

Extensão – Cadernos da Pró-reitoria de Extensão da PUC•MG
Cadernos de Economia – Departamento de Economia
Caderno de Contabilidade – Departamento de Ciências Contábeis
Cadernos de Administração – Departamento de Administração
Ordem e Desordem: Caderno de Comunicação – Departamento de Comunicação Social
Caderno de Reportagens Malditas – Departamento de Comunicação Social
Cadernos de Ciências Sociais – Departamento de Sociologia
Caderno de Estudos Jurídicos – Faculdade Mineira de Direito
Caderno de Geografia – Departamento de Geografia
Cadernos de Engenharia – IPUC –Instituto Politécnico da PUC•MG
Spin – Ensino e Pesquisa – Departamento de Física e Química
Cadernos de Bioética – Núcleo de Estudos de Bioética
Enfermagem Revista: Cadernos de Enfermagem – Departamento de Enfermagem
Signum – Núcleo de Estudos e Pesquisas Multidisciplinares
Cadernos de Psicologia – Departamento de Psicologia
Cadernos de Serviço Social – Departamento de Serviço Social
Bios – Departamento de Ciências Biológica
Cadernos de educação – Departamento de Educação

### EM ORGANIZAÇÃO

Palavra – Departamento de Letras – Mestrado
Cadernos de Letras – Departamento de Letras
Cadernos de História – Departamento de História
Cadernos de Odontologia – Departamento de Odontologia